AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). *Grafia da Vida: Reflexões e Experiências com a escrita biográfica*. São Paulo: Letra e Voz, 2012, 248p.

Natasha Santos Correio[1]
Doutoranda em História
Universidade Federal do Paraná

● **Enviado em: 16/10/2013**
● **Aprovado em: 09/12/2013**

Alexandre Avelar e Benito Schmidt publicaram, em 2012, a obra *Grafia da Vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica*. Discussão eclética e democrática, o livro se refere a uma coletânea de textos dividida em três blocos, que se apresentam, também, com funções distintas. O primeiro deles, composto por três textos, traz as *Reflexões Teóricas* acerca do gênero biográfico, pensando, sobretudo, a escrita biográfica em consonância com a histórica.

Em *O significado das pequenas coisas: História, prosopografia e biografemas*, Durval Muniz de Albuquerque Júnior se utiliza de elementos da teoria historiográfica e, a partir das mudanças conferidas ao fazer História, localiza as transformações também dirigidas à escrita biográfica. Neste mesmo sentido, centra a sua discussão nas diferentes concepções sobre o sujeito, o que determina, segundo o autor, a forma de escrita – tanto a historiográfica quanto a biográfica.

Ao tratar das diferentes correntes historiográficas, Durval Muniz propõe, em essência, o retorno ao uso da prosopografia, possibilitado exatamente pelas tais mudanças no campo das Ciências Sociais. Se na Antiguidade, a prosopografia se referia a um gênero de escrita de várias biografias, a fim de criar um perfil coletivo, agora ela estaria pautada na análise de biografias, a partir da busca por convergências, isto é, do cruzamento dos dados biográficos dos sujeitos analisados. A esses dados, detalhes e convergências, o autor dá a nomenclatura de biografemas. A crítica de Durval Muniz em relação ao uso de biografias, em defesa da

[1] Doutoranda em História, pela Universidade Federal do Paraná. Pesquisadora da linha temática futebol e literatura.

prosopografia, se estabelece com base no argumento[2] de que aquelas contam com o uso da narrativa linear que começa com o nascimento do sujeito, indo até a sua morte ou o ponto de declínio/ apogeu do biografado; isto é, contando com um início e um fim bem delimitados.

O segundo capítulo de discussão teórica se refere ao texto de Wilton C. L. Silva, *Espelhos de palavras: escritas de si, autoetnografia e ego-história*. O autor inicia com a historicidade dada por Fernando Pessoa a seus heteronômios, enfatizando uma relativa necessidade de o poeta afirmar as particularidades desses diferentes personagens, para só então cair na discussão dos biografismos. Silva destaca que estas práticas, que se colocam dentro da escrita biográfica, se referem a narrativas que envolvem seleção, descrição e análise de uma trajetória individual com base em diferentes metodologias, as quais, por sua vez, poderiam estar vinculadas aos campos da literatura, da história e da antropologia. E é aí que se coloca o centro de seu debate.

A partir da perspectiva da escrita de si, pensando-a enquanto um dispositivo de confissão, Wilton Silva caracteriza, segundo as terminologias das áreas supracitadas, as respectivas manifestações, em que narrador e personagem são a mesma pessoa, no sentido de verificar suas contribuições na análise do biografismo: 1) na literatura, a autobiografia, próxima tanto à ficção quanto à história, justamente por trazer a busca do saber a partir de acontecimentos da vida individual e, embora se utilize da narrativa literária para tal, pode-se falar em criação, mas não em falseamento – daí a discussão acerca do hibridismo da autobiografia, com base no pacto autobiográfico lejeuneano, de acordo com o qual a contratualidade representaria a ambição de legitimidade (verdade) do texto; 2) na história, a ego-história, que traria ao historiador o desafio de falar sobre si, seguindo os métodos e olhares que lança sobre os outros; e 3) na antropologia, a autoetnografia, que traria uma aproximação à experiência pessoal como fonte de validação teórica, partindo da produção textual e subjetivação – também presentes na literatura.

Finalizando o bloco dedicado à reflexão teórica, Alexandre de Sá Avelar, em *Escrita da História, Escrita Biográfica: das possibilidades de sentido*, parte do objetivo de pensar a possibilidade da escrita biográfica se configurar como uma modalidade da escrita da História. Para tal, retoma o debate lançado por Durval Muniz e também por Marieta de Moraes Ferreira, na apresentação do livro, a respeito do retorno da autobiografia nos anos de 1960 ao

[2] Discussão identificada, de maneira distinta, em outro capítulo do livro: o texto de Adriana Barreto de Souza, intitulado *Francisco de Lima e Silva na Confederação do Equador: biografia e escrita da História*. pp. 125 – 148.

campo historiográfico, pensando, ainda, a narrativa biográfica e as relações, segundo os termos do próprio autor, do "eu" (biógrafo) e do "outro" (biografado).

A respeito da Escola dos Annales da década de 1960 e a problemática da escrita da História, Avelar coloca como ícones dessa História totalizante dois tipos de biografia: a representativa e o estudo de caso, nos quais os historiadores estariam afastados do acidental, do único. Ao refletir sobre o papel do historiador-biógrafo, Alexandre Avelar coloca a necessidade de este manter uma narrativa próxima da verdade. Um dos desafios encarados pelo historiador estaria no tratamento da dimensão ficcional presente em toda biografia e, principalmente, no rompimento com a ilusão biográfica, elemento ao qual os pesquisadores devem estar atentos. Ou seja, pensando um indivíduo que é, ao mesmo tempo, vários, seria o historiador-biógrafo capaz de escapar de um sentido revelável?

E mais: ao falar de seu personagem, o biógrafo fala de si mesmo, como que projetando o "eu" no "outro". Assim, de acordo com Avelar, o historiador deve firmar um contrato de leitura, apontando as razões de escolha do personagem, o objetivo do empreendimento, as metodologias e as fontes utilizadas, bem como os questionamentos. Tal contrato, dialogando com Lejeune, é o que afasta o texto do ficcional, já que os métodos e critérios do estudo podem ser verificados e postos à prova.

O segundo bloco, *Bastidores de Pesquisa*, traz o relato dos pesquisadores quanto à produção de suas pesquisas biográficas, porém, não afastado de aspectos teóricos.

Vavy Pacheco Borges, em *Nas pegadas de um leão: notas de pesquisa sobre a vida de Ruy Guerra*, conta os bastidores da biografia que está produzindo, desde 2006, sobre o cineasta, produtor, escritor (dentre outras funções) Ruy Guerra – figura pública brasileira desde a década de 1960, momento de suas investidas no cinema autoral. Como que dialogando com o texto de Alexandre Avelar, a autora fala sob um ponto de vista pessoal, sobre o seu gosto pelo cinema e a necessidade particular de falar sobre alguém de sua geração (no sentido de repensar sua própria trajetória e da possibilidade de entrevistar/ conviver com o biografado), bem como de uma personalidade conhecida[3] (pensando na abundância de fontes). A escolha de Ruy Guerra se deu pelo fato de Vavy Borges o acompanhar desde seus filmes iniciais. E foi em 2006, em uma exposição sobre a vida da personagem, que a autora tomou contato pessoalmente com Guerra, propondo a biografia.

[3] A primeira biografia produzida pela autora, publicada em 2009, tratou de uma figura desconhecida do grande público: Gabrielle Brune Sieler que, entre os anos de 1870 e 1940, viveu no Brasil. Ao tratar sobre a vida de Gabrielle, a autora não só não teve a oportunidade de entrevistá-la, como também lhe faltaram documentos sobre a biografada.

Além da escolha do biografado, Vavy Borges relata sua busca por fontes, a qual não difere dos procedimentos regulares do historiador. Além de uma série de entrevistas (um total de 130) a conhecidos, amigos, familiares e ao próprio biografado, Borges realizou viagens a Paris, Lisboa, Moçambique e Cuba – locais em que Ruy Guerra viveu e onde atuou. Recorreu, também, a pesquisas na Cinemateca de Portugal e na Biblioteca Nacional. Sobre biografar um vivo, a autora aponta que a maior dificuldade está em agendar horários e, especificamente, em lidar com o temperamento difícil de Guerra – a quem chama de leão.

Fechando os bastidores, Ana Carolina de Moura Delfim Maciel, em *Escrever com imagens, filmar com palavras: documentário e historiografia*, faz o relato de sua pesquisa, pautando-se, em essência, nos conceitos utilizados para a escrita historiográfica por meio do documentário. A fim de tratar do tratamento da mídia audiovisual, a partir da discussão do fato e do fictício, a autora resgata três documentários – "Amor é um lugar vazio" (2000), "Eliane" (2002) e "Yes, nós temos bananas" (2008) –, todo dirigidos pela própria autora. Em se tratando dos dois primeiros títulos, pode-se falar em cinebiografia, isto é, uma produção a partir de entrevistas de caráter autobiográfico, que visa ao resgate de trajetórias, sem a pretensão de atingir um estatuto de verdade, tampouco de realizar apenas um registro de depoimentos. Além de elementos da História Oral, no sentido de analisar as entrevistas, a Ana Carolina Maciel retoma a perspectiva ginzburgiana quanto ao debate fictício/ real, transpondo tal discussão ao tratar do filme documentário e do filme ficcional. O documentário de cunho biográfico, que também poderia ser chamado de *biofilmagem*, traz problemáticas e reflexões comuns à biografia e historiografia. Um dos destaques é o processo de montagem do documentário, o qual se assemelha à escrita baseada em depoimentos, bem como à própria escrita historiográfica, já que ambas também contam com uma montagem – que se refere não só à seleção de depoimentos, como também à escolha dos conceitos a serem utilizados. Maciel finaliza, destacando a necessidade de que fontes audiovisuais também sejam analisadas conforme suas condições de produção, com base em conceitos como memória, esquecimento, ficção, realidade, vestígios.

Dando ênfase à empiria, o terceiro (e maior) bloco do livro, *Experiências da Escrita Biográfica*, reúne seis textos, dedicados a exemplos de abordagem biográfica, que trazem a aplicação da teoria apresentada no primeiro bloco – entre produção e análise de biografias.

Adriana Barreto de Souza, em *Francisco de Lima e Silva na Confederação do Equador: biografia e escrita da História*, a historiadora conta a história da repressão à Confederação do Equador, a partir da relação entre Francisco de Lima e Dom Pedro I. Com base nas cartas imperiais, pessoais e ofícios, Souza mostra um contraponto à biografia linear, exposta

anteriormente por Durval Muniz. A autora lança mão da possibilidade de uso da trajetória de um indivíduo, como brecha para o passado, sobretudo por pensar este indivíduo enquanto um agente social, um ponto fixo de certa superfície histórica. Assim, Adriana Souza aponta para a não obrigatoriedade do uso de prosopografias, pois, ao tratar o brigadeiro Francisco de Lima e Silva enquanto personagem central de sua pesquisa, a pesquisadora conseguiu, em boa medida, decifrar a história da repressão à referida Confederação, o movimento liberal que culminou com a abdicação do imperador e, ainda, permitiu refletir sobre uma sociedade de corte dos trópicos, pautada na política do jogo de intrigas. Destaque-se que a autora parece se posicionar em favor de seu biografado [4].

Daniele Maria Megid, em *De homem a personagem: as construções sobre Machado de Assis nas biografias*, compara três biografias de Machado de Assis, sob o mote de "um modelo, três personagens", no sentido de mostrar as diferentes construções biográficas sobre a mesma figura. As biografias são: *Machado de Assis*, de Lúcia Miguel Pereira (1939); *A juventude de Machado de Assis*, de Jean-Michel Massa (1971); e *Vida e obra de Machado de Assis*, de Raimundo Magalhães Júnior (2008). Embora as três biografias partam do mesmo ponto, qual seja, explicar a vida de Joaquim Maria, partindo de Machado de Assis, Megid identifica também divergências entre as obras. E é a partir destas divergências que a autora chega a sua principal conclusão: a multiplicidade de uma vida. É notável a confluência com a ideia de ilusão biográfica de Bourdieu. Poder-se-ia, pensar, inclusive, numa espécie de comprovação empírica de tal tese. Constatando-se, efetivamente, tal como já havia adiantado Alexandre Avelar, a impossibilidade de apreender o indivíduo por completo, uma vez que este é, ao mesmo tempo, vários.

Em *Plínio Marcos e João das Neves: caminhos cruzados, trajetórias, arte e engajamento no Brasil pós-1964*, Kátia Rodrigues Paranhos se utiliza do que se pode relacionar, embora a autora não tenha deixado claro, à prosopografia de que trata Durval Muniz. Mais do que relatar a vida das personagens, Paranhos busca um ponto de intersecção entre ambos os biografados, inseridos no teatro engajado. Tal ponto seria exatamente o engajamento (independente da posição tomada) ou a noção do dramaturgo (aquele do período da ditadura) enquanto um agente que intervém criticamente na esfera pública – posição marcada tanto por Plínio Marcos, quanto por João das Neves.

[4] Tal como se pode perceber no trecho: "A essa altura, em meados de outubro, o brigadeiro Manoel de Morais sentia-se ainda mais indignado" (SOUZA, 2012, p. 132). Souza, como que uma narradora onisciente, expõe a condição psíquica de Manoel de Morais, incorrendo no que se poderia pensar como a projeção do biógrafo em relação ao biografado, de que tratou anteriormente Alexandre Avelar.

Em *Síndrome de Fonseca: deslizamentos entre autor e personagem*, Aline Andrade Pereira apresenta a literatura de Rubem Fonseca, enquanto uma possibilidade de escrita biográfica. A autora analisa o primeiro romance do escritor (*O Caso Morel*, de 1973), na tentativa de problematizar a relação entre vida e obra, tratando a literatura enquanto um campo privilegiado para a escrita de si. Aline Pereira trata as personagens de Rubem Fonseca enquanto personas literárias, que ficcionalizam o autor e que, portanto, acabam por representá-lo na produção literária. Todavia a autora parece incorrer no mesmo problema identificado por Daniele Megid, na biografia de Machado de Assis, escrita por Lúcia Miguel Pereira. Embora Aline Pereira queira ir além dos elementos biográficos essenciais, como a cidade do nascimento e elementos afins, a autora corre o risco de, assim como Lúcia Miguel, confiar no texto literário e tomar as confissões involuntárias do autor – sem colocá-las no campo das hipóteses, como exige a disciplina da História.

Hélio de Lena Júnior, em *Gregório Bezerra: o ser camponês e o tornar-se comunista*, busca tratar da vida de Gregório Bezerra, a partir da análise das fontes: *Eu, Gregório Bezerra, acuso!*, um folheto de 1967; uma entrevista-documentário de Bezerra; e uma autobiografia, *Memórias*, de 1979. Mais do que tratar do perfil psicológico do biografado, Lena Júnior buscou acumular fatos – ou, pelo menos, aqueles presentes nas fontes –, no sentido de pensar o que significava ser camponês, o que significava ser comunista e o que significava ser um camponês comunista, a partir do engajamento de Gregório Bezerra, na tentativa de formular outras imagens que não as comumente relacionadas ao ser comunista ou camponês.

Fechando o livro, com *"Grades invisíveis para rebentar": memórias de um militante de esquerda brasileiro sobre as prisões políticas argentinas (1975-1979)*, Benito Bisso Schmidt apresenta um relato sobre a vida de Flávio Koutzii, durante o período entre seu nascimento (1943) e exílio político (1984), com base no diálogo entre o que o autor chama de "escrita do outro" – que, no caso se refere a uma entrevista – e a "escrita de si" – construções autobiográficas da personagem.

Tal como se pode verificar, ao longo dos onze capítulos, *Grafia da Vida* traz uma série de possibilidades no que se refere ao tratamento e/ou escrita da biografia, apontando, em especial, para o fato de que a discussão dessa natureza está longe de ser consensual, tampouco restrita a uma única perspectiva.